

***Portugal-Brasil: Estudantes pelo Clima e mobilização através das redes sociais*, por Beatriz Alves de Freitas Ribeiro (Universidade da Beira Interior, Covilhã).**

**Resumo**

As greves estudantis pelo clima, de carácter global, afirmam uma nova geopolítica pela sustentabilidade com foco na iniciativa “*School Strike for Climate*” (Bell, 2019). Este movimento global liderado por estudantes, tem sido uma força na promoção da educação para o desenvolvimento sustentável e a cidadania global (Menzie-Ballantyne, 2021), sendo um marco a nível internacional, uma vez que se envolve no processo jurídico transnacional e promove o constitucionalismo global (Perera, 2021). Abordando como estes movimentos mobilizaram estudantes ao redor do mundo, fomentando um movimento social de carácter transnacional (Damoah *et al*, 2023), este *paper* perpassa pelo papel das redes sociais na disseminação de mensagens e na coordenação de ações, no contexto brasileiro e português. Os objetivos visam identificar na mobilização estudantil, o papel das redes sociais como ferramentas de mobilização em torno da temática de sustentabilidade, abordando, de forma sucinta, quanto aos desafios e oportunidades, analisando o modo como essas greves contribuem para a consciencialização sobre questões climáticas e promovem a sustentabilidade em diferentes níveis. A análise explora a dinâmica específica das mobilizações estudantis em Portugal e no Brasil, destacando os elementos específicos de cada contexto nacional, examinando o impacto das greves na formação de uma consciência climática entre os estudantes, enfocando como as plataformas de mídia social se tornaram veículos para a disseminação de informações e coordenação de iniciativas. A interconexão entre os movimentos estudantis, as redes sociais e a promoção da sustentabilidade destacam-se como um fenómeno complexo que ultrapassa as fronteiras geográficas e culturais. Ao explorar os desafios e oportunidades associados à criação de uma rede de ação política luso-brasileira, o artigo busca identificar estratégias eficazes para impulsionar mudanças políticas e sociais em prol da sustentabilidade.

**Palavras-chave:** Movimentos estudantis; clima e sustentabilidade; redes sociais.

## 1. Introdução

A emergência climática tornou-se uma das questões mais prementes desta era, exigindo ação imediata e coordenada em escala global (McKnight, 2020). Neste cenário, as greves estudantis pelo clima têm se destacado como uma poderosa manifestação de preocupação e mobilização por parte da juventude em todo o mundo (Tattersall *et al*, 2021). Iniciativas como a "*School Strike for Climate*" têm catalisado uma nova forma de ativismo, unindo estudantes de diferentes países em um movimento transnacional pela sustentabilidade (Kinder, 2020).

Este artigo se propõe a explorar o papel das redes sociais na mobilização e coordenação dessas greves estudantis pelo clima, com um foco específico nos contextos brasileiro e português. Ao abordar como os movimentos estudantis se organizam e se manifestam através das redes sociais, busca-se compreender a forma pela qual essas plataformas digitais têm sido utilizadas como ferramentas poderosas para a disseminação de mensagens e a mobilização de indivíduos em prol da causa climática.

Partindo desse contexto, essa análise visa alcançar três objetivos principais. Primeiramente, busca-se caracterizar a mobilização estudantil pelo clima, destacando sua importância como agente de mudança e conscientização. Em seguida, examinamos o papel das redes sociais como facilitadoras desse movimento, analisando como essas plataformas têm sido eficazes na disseminação de informações e na coordenação de ações. Por fim, exploramos os desafios e oportunidades associados à criação de uma rede de ação política luso-brasileira, visando impulsionar mudanças políticas e sociais em direção à sustentabilidade.

Ao compreendermos a dinâmica das mobilizações estudantis pelo clima em Portugal e no Brasil, destacamos a importância de uma abordagem transnacional e interconectada para enfrentar os desafios climáticos que afetam nosso planeta. Este estudo não apenas oferece *insights* sobre os mecanismos de mobilização e conscientização, mas também aponta para caminhos promissores para a construção de um futuro mais sustentável e resiliente.

## 2. Mobilização Estudantil pelo Clima: Uma Nova Geopolítica pela Sustentabilidade

A crise climática emergente tem desafiado não apenas os sistemas naturais do nosso planeta, mas também as estruturas políticas e sociais que moldam nossas

sociedades (Buettner, 2020). Nesse contexto, as greves estudantis pelo clima surgiram como uma força transformadora, redefinindo as fronteiras da política e da ação coletiva em prol da sustentabilidade (Wahlström, 2019).

O movimento global das greves estudantis pelo clima, com destaque para a iniciativa "*School Strike for Climate*", tem se consolidado como uma expressão poderosa da crescente preocupação da juventude em relação ao futuro do planeta (Barton, 2019). O engajamento de estudantes de diferentes países e culturas em protestos e manifestações tem transcendido as fronteiras nacionais, dando origem a uma nova forma de geopolítica centrada na sustentabilidade (Kvamme, 2020).

Esses movimentos não se limitam apenas a demandas por políticas climáticas mais ambiciosas; eles também representam uma rejeição da inação e da complacência por parte das gerações mais velhas e das estruturas de poder estabelecidas (Mayes & Hartup, 2021).

Ainda, a história dos protestos estudantis, incluindo os relacionados com a ação climática, é um fenômeno complexo e multifacetado, pois além de apresentar a temática pelos olhos da juventude, dá-nos um senso de urgência (Green, 2022). Ao desafiar paradigmas políticos e econômicos arraigados, os estudantes estão sinalizando uma mudança de paradigma em direção a uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável (Biswas & Mattheis, 2021).

Além disso, as greves estudantis pelo clima estão redefinindo as relações de poder no cenário global (Wlasichuk, 2022). Os jovens estão assumindo um papel central na formulação de agendas políticas e na definição da narrativa em torno da crise climática, exercendo pressão sobre governos, empresas e instituições internacionais para adotarem medidas concretas e urgentes (White *et al*, 2021). Isto se dá pelo papel que os movimentos sociais no contexto estudantil exercem no mundo atual, incluindo o seu impacto nas hierarquias políticas (Salazar, 2003).

Nesse sentido, as greves estudantis pelo clima representam não apenas uma mobilização em prol da proteção do meio ambiente, mas também uma reafirmação dos valores fundamentais da justiça social, da solidariedade global e da responsabilidade intergeracional (Birdsall, 2023; Bright & Eames, 2020). Ao desafiar as estruturas de poder existentes e reivindicar um assento à mesa das decisões, os estudantes estão moldando uma nova geopolítica pela sustentabilidade, onde a voz da juventude é

reconhecida e valorizada como uma força motriz para a mudança positiva (Dupuis-Déri, 2021).

Contudo, a natureza mutável da dissidência estudantil, do otimismo político ao cepticismo e à alienação, é um factor-chave para a compreensão do actual movimento climático (Olclese & Saunders, 2014).

### **3. Redes Sociais como Ferramentas de Mobilização para a Sustentabilidade**

No mundo digitalizado e interconectado de hoje, as redes sociais desempenham um papel conectivo na mobilização e organização de movimentos sociais, incluindo as greves estudantis pelo clima (Boulianne *et al*, 2020; Al-Mulla *et al*, 2022).

Plataformas como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *TikTok* têm sido utilizadas de forma criativa e eficaz pelos ativistas climáticos para disseminar mensagens, coordenar ações e amplificar suas vozes em escala global (Catanzaro & Collin, 2021).

Além disso, os aplicativos de mídia social são cada vez mais utilizados pelas empresas para buscar legitimidade nos relatórios de sustentabilidade, com foco em questões sociais (Lodhia *et al*, 2020).

Uma das principais características das redes sociais é sua capacidade de conectar indivíduos de diferentes partes do mundo em tempo real, superando barreiras geográficas e facilitando a formação de comunidades virtuais em torno de causas compartilhadas (Alexander *et al*, 2021). Isso tem sido fundamental para o sucesso das greves estudantis pelo clima, permitindo que estudantes de diferentes países se unam em solidariedade e compartilhem experiências, estratégias e recursos (Warren, 2019).

Além disso, as redes sociais oferecem uma plataforma acessível e democrática para a expressão de ideias e opiniões, dando voz a grupos que de outra forma poderiam ser marginalizados ou silenciados (Germaine & Bowman, 2021; Calder & Beckie, 2011). Os estudantes têm utilizado essas plataformas para contar suas histórias, compartilhar dados científicos sobre a crise climática e mobilizar apoio para suas demandas por ação climática urgente (Thackeray *et al*, 2020; Carpenter *et al*, 2016).

Outro aspecto importante das redes sociais é sua capacidade de amplificar a visibilidade de eventos e iniciativas (Soares & Joia, 2015). Fotos, vídeos e relatos de manifestações e protestos podem se espalhar rapidamente através das redes sociais, alcançando audiências muito maiores do que seria possível apenas com os meios de

comunicação tradicionais (Mirbabaie *et al*, 2021; Lipschultz, 2017). Isso não apenas aumenta a conscientização sobre a causa, mas também pressiona líderes políticos e tomadores de decisão a responderem às demandas dos manifestantes (Tye *et al*, 2018; Chalmers, 2023).

No entanto, as redes sociais também apresentam desafios, como a disseminação de desinformação e a manipulação por parte de interesses contrários aos movimentos sociais (Leong *et al*, 2018). Portanto, é crucial que os ativistas climáticos estejam atentos aos perigos e limitações das redes sociais, adotando estratégias para combater a desinformação e garantir a integridade e autenticidade de suas mensagens (Enjolras *et al*, 2013).

Em suma, as redes sociais representam uma ferramenta poderosa e transformadora na mobilização em prol da sustentabilidade, pois estão a transformar a forma como as pessoas se conectam, criam e partilham conteúdo, desempenhando um papel fundamental na sociedade moderna (Cornet *et al*, 2017; Pearson *et al*, 2024). Face aos desafios ambientais, estas plataformas têm se revelado poderosas na mobilização para a sustentabilidade (Henry & Vollan, 2014).

Evidências mostram que as redes sociais contribuem para a sustentabilidade através de intervenções comportamentais, ativismo social e político, apoio a práticas empresariais sustentáveis, combate ao "greenwashing" corporativo, aumento do acesso à educação ambiental e promoção de projetos de ciência cidadã (Willems & Alizadeh, 2015).

Ao capacitar os estudantes a se conectarem, compartilharem e agirem em escala global, essas plataformas digitais desempenham um papel crucial na construção de um movimento climático diversificado, inclusivo e resiliente (Lopes, 2014).

#### **4. Mobilização Estudantil em Portugal e no Brasil: Contextos e Dinâmicas**

A mobilização estudantil em Portugal e no Brasil tem sido um motor-chave da mudança política e social, particularmente durante as décadas de 1960 e 1970, de modo a desafiar regimes autoritários e contribuir para a transição democrática (Almada, 2016; Pintassilgo *et al*, 2019).

No que tange à mobilização estudantil pelo clima, Portugal e Brasil refletem contextos nacionais distintos, marcados por diferentes realidades socioeconômicas,

políticas e culturais, que influenciam as estratégias, demandas e alcance dos movimentos, pois foram caracterizados por suas reivindicações distintas e pelo uso de formas diretas ou simbólicas de mobilizações sociais (Lima & Peres, 2022; García-Vinuesa *et al*, 2021; Lemos & Júnior, 2018).

Em Portugal, a mobilização estudantil pelo clima ganhou força a partir da participação ativa de jovens ativistas, organizações não governamentais e movimentos sociais preocupados com as questões ambientais e climáticas (Cheillou & Monti-Lalaubie, 2020; Severino, 2023). O país, que enfrenta desafios significativos em relação ao aquecimento global, desertificação e incêndios florestais, viu os estudantes se engajarem em protestos, greves e iniciativas de conscientização para exigir ações mais eficazes por parte do governo e da sociedade em geral (Barbosa *et al*, 2020; Falanga, 2023).

No Brasil, a mobilização estudantil pelo clima surge em um contexto de crescente preocupação com a preservação da Amazônia, o aumento do desmatamento e as políticas ambientais do governo (Alves *et al*, 2020; Gomes *et al*, 2022). Os estudantes brasileiros têm se destacado por sua participação ativa em protestos e manifestações, utilizando as redes sociais e organizações estudantis como ferramentas-chave para organizar e amplificar suas vozes em defesa da proteção do meio ambiente e da promoção de políticas sustentáveis (Adam & Salles, 2013; Barbosa *et al*, 2021; Marcomin & Silva, 2009).

Apesar das diferenças nos contextos políticos e ambientais, tanto em Portugal quanto no Brasil, os estudantes têm enfrentado desafios comuns, como a resistência das autoridades governamentais, a falta de reconhecimento das demandas estudantis e a necessidade de construir alianças com outros setores da sociedade civil para fortalecer sua influência e impacto (Bear *et al*, 2016; Campos & Martins, 2024; Schmidt *et al*, 2010; Ferreira *et al*, 2023; Cezarino *et al*, 2018).

É importante destacar que, apesar das diferenças, há também semelhanças significativas entre os movimentos estudantis em Portugal e no Brasil (Sousa, 2022; Snider, 2017). Ambos compartilham uma forte ênfase na justiça climática, na participação democrática e na defesa dos direitos das gerações futuras (Santos *et al*, 2024; Deus *et al*, 2015). Além disso, os estudantes em ambos os países reconhecem a importância da

solidariedade global e da colaboração transnacional na luta contra a crise climática (Verlie & Flynn, 2022; Barth & Rieckmann, 2008).

Em última análise, a mobilização estudantil pelo clima em Portugal e no Brasil reflete a crescente conscientização e mobilização da juventude em todo o mundo em resposta aos desafios urgentes do aquecimento global e da degradação ambiental (Walker, 2020). Ao unirem suas vozes e demandas, os estudantes estão demonstrando um compromisso coletivo com a construção de um futuro mais sustentável e equitativo para todos (Dary & Terry, 2013).

## **5. Impacto das Greves na Conscientização Climática e na Promoção da Sustentabilidade**

As greves estudantis pelo clima têm exercido um impacto significativo na conscientização pública sobre as questões climáticas e na promoção da sustentabilidade em diferentes níveis (Gorman, 2021). Ao mobilizar milhões de estudantes em todo o mundo, esses movimentos têm contribuído para aumentar a conscientização sobre a urgência da crise climática e a necessidade de ação imediata por parte dos governos, empresas e indivíduos (Hickman, 2021).

Descobriu-se nas manifestações da “*School Strike 4 Climate*”, uma forma de desobediência civil, aumentando significativamente a consciência pública sobre as alterações climáticas (Lukita *et al*, 2020). Estas greves também têm sido eficazes na promoção da sustentabilidade e da conservação ambiental, servindo o seu discurso persuasivo como meio de crítica e apelo à acção (Ramelli *et al*, 2021).

Um dos principais legados das greves estudantis pelo clima é a ampliação do debate público sobre as causas e consequências das mudanças climáticas (Kenis 2021). Ao ocuparem as ruas, as redes sociais e os meios de comunicação, os estudantes têm chamado a atenção para a gravidade da crise climática e suas implicações para o futuro da humanidade e do planeta (Kowasch *et al*, 2021). Isso tem levado a uma maior pressão sobre os governos e instituições para implementarem políticas mais ambiciosas de mitigação e adaptação às mudanças climáticas (McCartney *et al*, 2019).

Além disso, as greves estudantis pelo clima têm promovido a educação ambiental e a participação cívica entre os jovens, capacitando-os a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades e além (Feldman, 2022). Ao participarem de protestos,

marchas e campanhas de conscientização, os estudantes estão adquirindo habilidades de liderança, organização e advocacia que serão essenciais para enfrentar os desafios climáticos no futuro (Frey, 2019).

Outro aspecto importante do impacto das greves estudantis pelo clima é sua capacidade de promover a sustentabilidade em diferentes níveis (Dunlop *et al*, 2020). Além de pressionarem por políticas governamentais mais eficazes, os estudantes também têm se engajado em iniciativas de base, como a redução do consumo de plástico, a promoção da energia renovável e o apoio a práticas agrícolas sustentáveis (Sutton, 2023). Isso tem contribuído para uma mudança de paradigma em relação ao desenvolvimento econômico e social, colocando a sustentabilidade no centro das agendas políticas e empresariais (Ryan & Ratnayke, 2020).

Em resumo, as greves estudantis pelo clima têm sido catalisadoras de mudança, inspirando milhões de pessoas em todo o mundo a se envolverem na luta contra a crise climática (Turchyn, 2020). Ao aumentarem a conscientização, promoverem a educação ambiental e impulsionarem ações concretas em prol da sustentabilidade, esses movimentos estão moldando um futuro mais justo, equitativo e resiliente para todos (Thapa *et al*, 2013).

## **6. Desafios e Oportunidades para uma Rede de Ação Política Luso-Brasileira**

A criação de uma rede de ação política luso-brasileira para enfrentar os desafios da crise climática representa tanto uma necessidade urgente quanto uma oportunidade única para promover a cooperação bilateral e impulsionar mudanças significativas em direção à sustentabilidade (Trajber & Mochizuki, 2015).

Um dos principais desafios enfrentados por uma rede de ação política luso-brasileira é a diversidade de interesses, prioridades e agendas entre os dois países (Barreiro *et al*, 2010), além do conflito entre as políticas de mitigação de carbono e a agenda de desenvolvimento nacional (Castro, 2014).

Portugal e Brasil possuem realidades socioeconômicas, políticas e ambientais distintas, o que pode dificultar a identificação de objetivos comuns e a coordenação de ações conjuntas (Pereira *et al*, 2018).

Outro desafio significativo é a resistência por parte de certos setores políticos e econômicos em ambos os países à adoção de políticas mais ambiciosas de combate às

mudanças climáticas (Cavalcanti *et al*, 2008). Interesses poderosos, como o *lobby* da indústria de combustíveis fósseis e a agroindústria, muitas vezes exercem pressão sobre os governos para manter o status quo e impedir a implementação de medidas sustentáveis (Savelyev *et al*, 2021).

No entanto, apesar dos desafios, uma rede de ação política luso-brasileira também oferece uma série de oportunidades para fortalecer a cooperação bilateral e ampliar o impacto das iniciativas climáticas em ambos os países (Lévy, 2013). A troca de conhecimentos, experiências e melhores práticas entre Portugal e Brasil pode enriquecer e fortalecer os esforços de combate às mudanças climáticas em ambas as nações (Silva, 2014).

Ademais, a existência de uma rede que ligue os atores governamentais à sociedade civil, é a espinha dorsal de um efetivo movimento social que alcançará resultados positivos para a solução da problemática levantada (Hochstetler & Keck, 2007). Ato contínuo, promovem uma mudança em direção ao ativismo ambiental profissionalizado e à formação de uma identidade compartilhada dentro do movimento ambientalista luso-brasileiro (Alonso & Maciel, 2010). Estas descobertas sugerem que uma rede luso-brasileira poderia beneficiar de um foco na colaboração, na profissionalização e no desenvolvimento de uma identidade partilhada (Alonso *et al*, 2007).

Outrossim, uma rede luso-brasileira pode desempenhar um papel importante na mobilização da sociedade civil e na construção de coalizões amplas em defesa da sustentabilidade (Accornero & Pinto, 2015). Ao unir organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas, acadêmicos e governos locais, essa rede pode aumentar a pressão sobre os governos e instituições internacionais para adotarem políticas mais ambiciosas e eficazes de combate às mudanças climáticas (Brumley & Esposito, 2014).

Por fim, uma rede de ação política luso-brasileira pode contribuir para o fortalecimento das relações bilaterais entre os dois países, promovendo uma cooperação mais estreita em áreas-chave como energia renovável, proteção da biodiversidade e desenvolvimento sustentável (Nunes, 2018; Gómez-Baggethun & Naredo, 2015). Isso não apenas beneficiaria os cidadãos de Portugal e Brasil, mas também contribuiria para os esforços globais de combate às mudanças climáticas e promoção da sustentabilidade (Roper, 2012; Toohey, 2012).

Em suma, embora enfrentem desafios significativos, uma rede de ação política luso-brasileira apresenta um potencial tremendo para impulsionar mudanças positivas em direção a um futuro mais sustentável e resiliente para ambos os países e para o mundo como um todo (Medeiros *et al.*, 2022).

## **7. Conclusão**

A emergência climática representa um dos maiores desafios enfrentados pela humanidade no século XXI, exigindo uma resposta urgente e coordenada em escala global (Raftopoulos & Riethof, 2016; Sano, 2012). Ao longo deste artigo, exploramos o papel fundamental das greves estudantis pelo clima e das redes sociais na mobilização e conscientização em torno das questões climáticas, com um foco específico nos contextos brasileiro e português.

Ficou claro que as greves estudantis pelo clima têm sido catalisadoras de mudanças, inspirando milhões de jovens em todo o mundo a se envolverem na luta pela sustentabilidade (Hochstetler & Inoue, 2019). Ao desafiar as estruturas de poder existentes e reivindicarem seu direito a um futuro habitável, os estudantes têm demonstrado uma coragem e determinação admiráveis, exercendo pressão sobre os governos, empresas e instituições para adotarem medidas mais ambiciosas e eficazes em relação ao clima (Dobrovolski *et al.*, 2018).

Da mesma forma, as redes sociais emergiram como ferramentas poderosas na mobilização e organização dos movimentos estudantis pelo clima, permitindo que os jovens se conectem, compartilhem informações e coordenem ações em escala global (Chung & Yim, 2020). Ao amplificar as vozes dos ativistas climáticos e aumentar a visibilidade de suas demandas, as redes sociais têm desempenhado um papel crucial na conscientização pública sobre a urgência da crise climática e na promoção da sustentabilidade em diferentes níveis (Lee & Bharati, 2019).

No entanto, apesar dos progressos alcançados, ainda enfrentamos uma série de desafios significativos no caminho para um futuro mais sustentável (Dongarwar, 2020). A resistência por parte de interesses poderosos, a falta de vontade política e a desinformação continuam a representar obstáculos à implementação de políticas climáticas ambiciosas e eficazes (Anitadevi, 2020; Jabeen & Gul, 2023).

Diante desses desafios, é imperativo que continuemos a mobilizar e fortalecer os movimentos estudantis pelo clima e a promover a colaboração e cooperação entre diferentes atores da sociedade civil (Dal, 2024; Crouzé *et al*, 2023). Uma rede de ação política luso-brasileira, por exemplo, representa uma oportunidade única para impulsionar mudanças significativas em direção à sustentabilidade, promovendo uma maior cooperação bilateral e fortalecendo os esforços de combate às mudanças climáticas em ambos os países (Mebane *et al*, 2023; Porto & Milanez, 2009).

À medida que avançamos em direção a um futuro incerto, devemos nos inspirar na determinação e resiliência dos estudantes que têm liderado essa luta (Birdsall, 2023). Juntos, podemos superar os desafios que enfrentamos e construir um mundo mais justo, equitativo e sustentável para as gerações presentes e futuras.

## **8. Referências**

Accornero, G., & Pinto, P.R. (2015). Patterns of protest in Portugal show the relationship between the 'old' politics of labour and 'new' anti-austerity movements.

Adam, J.M., & Salles, L.M. (2013). School Organizational Climate and Violence in the School: Case Study of Two Brazilian Schools. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 106, 2323-2332. <https://doi.org/10.1016/J.SBSPRO.2013.12.266>.

Alexander, N., Petray, T., & McDowall, A. (2021). More learning, less activism: Narratives of childhood in Australian media representations of the School Strike for Climate. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 96 - 111. <https://doi.org/10.1017/aee.2021.28>.

Alonso, Â.V., Costa, V.M., & Maciel, D.S. (2007). Identidade e estratégia na formação do movimento ambientalista brasileiro. *Novos Estudos - Cebrap*, 4, 151-167. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300008>.

Alonso, A., & Maciel, D. (2010). From Protest to Professionalization: Brazilian Environmental Activism After Rio-92. *The Journal of Environment & Development*, 19, 300 - 317. <https://doi.org/10.1177/1070496510378101>.

Almada, P.E. (2016). A cultura política de 68: reflexões sobre a resistência estudantil no Brasil e em Portugal. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 21, 123-143. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2016V21N2P123>.

Al-Mulla, S., Ari, I., & Koç, M. (2022). Social media for sustainability education: gaining knowledge and skills into actions for sustainable living. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 29, 455 - 471. <https://doi.org/10.1080/13504509.2022.2036856>.

Alves, B.L., Pauls, M.P., Stoltz, T., & Pauls, M.J. (2020). School Climate in the Brazilian school context: an integrative literature review. *International Journal for Innovation Education and Research*. <https://doi.org/10.31686/ijer.vol8.iss3.2228>.

Anitadevi, G.P. (2020). Social Media: A Boon to bring Environmental Awareness and Societal Harmony.

Barbosa, F.C., Freitas, V.P., & Almeida, M. (2020). Strategies for school buildings refurbishment in Portuguese climate. *E3S Web of Conferences*. <https://doi.org/10.1051/e3sconf/202017218007>.

Barbosa, R. d. A., Randler, C., & Robaina, J. V. L. (2021). Values and Environmental Knowledge of Student Participants of Climate Strikes: A Comparative Perspective between Brazil and Germany. *Sustainability*, 13(14), 8010. <https://doi.org/10.3390/su13148010>.

Barth, M., & Rieckmann, M. (2008). Experiencing the Global Dimension of Sustainability: Student Dialogue in a European-Latin American Virtual Seminar. <https://doi.org/10.18546/IJDEGL.01.2.03>.

Barton, G. (2019). How schools can respond to climate change strikes. *SecEd*. <https://doi.org/10.12968/sece.2019.13.14>.

Bear, G.G., Holst, B., Lisboa, C.S., Chen, D., Yang, C., & Chen, F.F. (2016). A Brazilian Portuguese survey of school climate: Evidence of validity and reliability. *International Journal of School & Educational Psychology*, 4, 165 - 178. <https://doi.org/10.1080/21683603.2015.1094430>.

Bell, A.R. (2019). Climate strikes grow up. *New Scientist*. [https://doi.org/10.1016/s0262-4079\(19\)31766-x](https://doi.org/10.1016/s0262-4079(19)31766-x).

Birdsall, S. E. (2023). School Strike 4 Climate in Aotearoa New Zealand: youth, relationships and climate justice. *Australian Journal of Environmental Education*, 39, 139 - 151. <https://doi.org/10.1017/ae.2022.51>.

Birdsall, S.E. (2023). School Strike 4 Climate in Aotearoa New Zealand: youth, relationships and climate justice. *Australian Journal of Environmental Education*, 39, 139 - 151. <https://doi.org/10.1017/aee.2022.51>.

Biswas, T., & Mattheis, N. (2021). Strikingly educational: A childist perspective on children's civil disobedience for climate justice. *Educational Philosophy and Theory*, 54, 145 - 157. <https://doi.org/10.1080/00131857.2021.1880390>.

Boulianne, S., Lalancette, M., & Ilkiw, D. (2020). "School Strike 4 Climate": Social Media and the International Youth Protest on Climate Change. *Media and Communication*, 8, 208-218. <https://doi.org/10.17645/mac.v8i2.2768>.

Bright, R., & Eames, C. (2020). Climate strikes: Their value in engaging and educating secondary school students. *Set: Research Information for Teachers*. <https://doi.org/10.18296/set.0180>.

Brumley, C., & Esposito, M.P. (2014). The class, race and age of activists in Brazilian social movements is becoming more diverse.

Buettner, A. (2020). 'Imagine what we could do'— the school strikes for climate and reclaiming citizen empowerment. *Continuum*, 34, 828 - 839. <https://doi.org/10.1080/10304312.2020.1842123>.

Calder, M.J., & Beckie, M. (2011). Engaging communities in municipal sustainability planning: the use of communication strategies and social networks in Alberta. *Local Environment*, 16, 671 - 686. <https://doi.org/10.1080/13549839.2011.589432>.

Campos, R., & Martins, J. C. (2024). Ontological insecurity and urgency as a political value. *Discourses of youth climate activists in Portugal*. *Globalizations*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/14747731.2024.2323786>.

Carpenter, S., Takahashi, B., Cunningham, C., & Lertpratchya, A.P. (2016). The Roles of Social Media in Promoting Sustainability in Higher Education. *Indian journal of science and technology*, 10, 4863-4881.

Castro, F.D. (2014). Environmental Policies in the Lula Era: Accomplishments and Contradictions. [https://doi.org/10.1057/9781137273819\\_11](https://doi.org/10.1057/9781137273819_11).

Catanzaro, M., & Collin, P. (2021). Kids communicating climate change: learning from the visual language of the SchoolStrike4Climate protests. *Educational Review*, 75, 9 - 32. <https://doi.org/10.1080/00131911.2021.1925875>.

Cavalcanti, T., Magalhães, A.M., & Tavares, J. (2008). Institutions and economic development in Brazil. *The Quarterly Review of Economics and Finance*, 48, 412-432. <https://doi.org/10.1016/J.QREF.2006.12.019>.

Cezarino, L.O., Abdala, E.C., Soares, M.A., & Fernandes, V.D. (2018). Students' knowledge of sustainability issues in higher education. <https://doi.org/10.1504/LAJMSD.2018.091318>.

Chaillou, A., & Monti-Lalaubie, M. (2020). School strike for climate: Still thriving behind the scenes.

Chalmeta, R., & Barbeito-Caamaño, A.M. (2023). Framework for using online social networks for sustainability awareness. *Online Inf. Rev.*, 48, 334-353. <https://doi.org/10.1108/oir-03-2023-0116>.

Chung, S., & Yim, E. (2020). Fashion activism for sustainability on social media. *The Research Journal of the Costume Culture*. <https://doi.org/10.29049/RJCC.2020.28.6.815>.

Cornet, V.P., Hall, N.K., Cafaro, F., & Brady, E.L. (2017). How Image-Based Social Media Websites Support Social Movements. *Proceedings of the 2017 CHI Conference Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems*. <https://doi.org/10.1145/3027063.3053257>.

Crouzé, R., Godard, L., & Meurs, P. (2023). Learning democracy through activism: the global climate strike movement and Belgian youth's democratic experience in times of environmental emergency. *Social Movement Studies*, 23, 56 - 71. <https://doi.org/10.1080/14742837.2023.2184792>.

Dal, S. (2024). AFRICA CLIMATE SUMMIT 2023: CLIMATE CHANGE AND THE SOCIAL DIMENSION. *Africana*. <https://doi.org/10.58851/africana.1374553>.

Damoah, B., Keengwe, S., Owusu, S.M., Yeboah, C., & Kekessie, F. (2023). The Global Climate and Environmental Protest: Student Environmental Activism a Transformative Defiance. *International Journal of Environmental, Sustainability, and Social Science*. <https://doi.org/10.38142/ijesss.v4i4.734>.

Dary, T., & Pickeral, T.L. (2013). School Climate Practices for Implementation and Sustainability.

Deus, R.M., Castro, R.D., Vieira, K.R., Leite, A., & Jabbour, C.J. (2015). The journey to sustainable universities: insights from a Brazilian experience. *International Journal of Business Excellence*, 8, 146-159. <https://doi.org/10.1504/IJBEX.2015.068205>.

Dobrovolski, R., Loyola, R.D., Rattis, L., Gouveia, S.F., Cardoso, D., Santos-Silva, R., Gonçalves-Souza, D., Bini, L.M., & Diniz-Filho, J.A. (2018). Science and democracy must orientate Brazil's path to sustainability. *Perspectives in Ecology and Conservation*. <https://doi.org/10.1016/J.PECON.2018.06.005>.

Dongarwar, V.W. (2020). STUDY ON THE ENVIRONMENT ACTIVISM ON SOCIAL MEDIA AMONG THE R.T.M. NAGPUR UNIVERCITY EDUCATIONAL CAMPUS. *Journal of emerging technologies and innovative research*.

Dunlop, L., Atkinson, L., Stubbs, J.E., & Diepen, M.T. (2020). The role of schools and teachers in nurturing and responding to climate crisis activism. *Children's Geographies*, 19, 291 - 299. <https://doi.org/10.1080/14733285.2020.1828827>.

Dupuis-Déri, F. (2021). Youth Strike for Climate: Resistance of School Administrations, Conflicts Among Students, and Legitimacy of Autonomous Civil Disobedience—The Case of Québec. *Frontiers in Political Science*. <https://doi.org/10.3389/fpos.2021.634538>.

Enjolras, B., Steen-Johnsen, K., & Wollebæk, D. (2013). Social media and mobilization to offline demonstrations: Transcending participatory divides? *New Media & Society*, 15 (6), 890-908. <https://doi.org/10.1177/1461444812462844>.

Estanque, E. (2015). Middle-class Rebellions? Precarious Employment and Social Movements in Portugal and Brazil (2011-2013). <https://doi.org/10.4000/RCCSAR.592>.

Falanga, R. (2023). Youth participation in environmental sustainability: insights from the Lisbon participatory budget. *Journal of Public Budgeting, Accounting & Financial Management*. <https://doi.org/10.1108/jpbafm-12-2021-0176>.

Feldman, H.R. (2022). Who's striking, and who's not? Avoiding and acknowledging bias in youth climate activism research. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 112 - 118. <https://doi.org/10.1017/aee.2022.2>.

Ferreira, B.M., Abrantes, J.L., Reis, M., & Brambilla, F.R. (2023). A Longitudinal Study on Sustainability Perceptions in Portugal. *Sustainability*. <https://doi.org/10.3390/su15075893>.

Frey, H. (2019). In the eye of the storm. *C&EN Global Enterprise*. <https://doi.org/10.7765/9781526141613.00006>.

García-Vinuesa, A., Carvalho, S.C., Meira Cartea, P.Á., & Azeiteiro, U.M. (2021). Assessing climate knowledge and perceptions among adolescents. An exploratory study in Portugal. *The Journal of Educational Research*, 114, 381 - 393. <https://doi.org/10.1080/00220671.2021.1954582>.

Germaine, C., & Bowman, B. (2021). Not (just) a protest: the Youth Strike for Climate as cultural exchange and collaborative text. <https://doi.org/10.31235/osf.io/hvrw9>.

Gomes, L.A., Brasileiro, T.S., & Caeiro, S. (2022). Sustainability in Higher Education Institutions in the Amazon Region: A Case Study in a Federal Public University in Western Pará, Brazil. *Sustainability*. <https://doi.org/10.3390/su14063155>.

Gómez-Baggethun, E., & Naredo, J.M. (2015). In search of lost time: the rise and fall of limits to growth in international sustainability policy. *Sustainability Science*, 10, 385-395. <https://doi.org/10.1007/s11625-015-0308-6>.

Gorman, J. (2021). Disobedient youth: Lessons from the youth climate strike movement. EU-Council of Europe Youth Partnership, Strasbourg. <https://mural.maynoothuniversity.ie/14518/>.

Green, M. (2022). When students protest: secondary and high schools. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 126 - 127. <https://doi.org/10.1017/aee.2022.7>.

Henry, A.D., & Vollan, B. (2014). Networks and the Challenge of Sustainable Development. *Annual Review of Environment and Resources*, 39, 583-610. <https://doi.org/10.1146/ANNUREV-ENVIRON-101813-013246>.

Hickman, C., et al. (2021). Young People's Voices on Climate Anxiety, Government Betrayal and Moral Injury: A Global Phenomenon <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3918955>.

Hochstetler, K., & Inoue, C.Y. (2019). South-South relations and global environmental governance: Brazilian international development cooperation. *Revista Brasileira de Política Internacional*. <https://doi.org/10.1590/0034-7329201900204>.

Hochstetler, K., & Keck, M.E. (2007). Greening Brazil: Environmental Activism in State and Society. <https://doi.org/10.1590/s0102-01882009000100012>.

Jabeen, N., & Gul, J. (2023). The Role of social media In Promoting Sustainable Agriculture Practices.

Kenis, A. (2021). Clashing tactics, clashing generations : the politics of the school strikes for climate in Belgium. *POLITICS AND GOVERNANCE*, 9(2), 135–145. <https://doi.org/10.17645/pag.v9i2.3869>.

Kinder, A. (2020). Climate change: How schools can strike back. <https://doi.org/10.12968/sece.2020.1.12>.

Kowasch, M., Cruz, J. P., Reis, P., Gericke, N., & Kicker, K. (2021). Climate Youth Activism Initiatives: Motivations and Aims, and the Potential to Integrate Climate Activism into ESD and Transformative Learning. *\*Sustainability\**, 13(21), 11581. <https://doi.org/10.3390/su132111581>.

Kvamme, O. A. (2020). School Strikes, Environmental Ethical Values, and Democracy. *Studier i Pædagogisk Filosofi*, 8, 6-27. <https://doi.org/10.7146/spf.v8i1.117967>.

Lee, C., & Bharati, P. (2019). Social Media Platform and Green IS Awareness: An Empirical Investigation. *Americas Conference on Information Systems*.

Leong, C.M., Pan, S.L., Bahri, S., & Fauzi, A. (2018). Social media empowerment in social movements: power activation and power accrual in digital activism. *European Journal of Information Systems*, 28, 173 - 204. <https://doi.org/10.1080/0960085X.2018.1512944>.

Lemos, M., & Júnior, F.R. (2018). Facebook in Brazilian Schools: Mobilizing to Fight Back. *Mind, Culture, and Activity*, 25, 53 - 67. <https://doi.org/10.1080/10749039.2017.1379823>.

Lévy, C. (2013). Local politics in Brazil: how social movements have made a difference. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, 38, 105 - 85. <https://doi.org/10.1080/08263663.2014.883828>.

Lima, D.H., & Peres, M.F. (2022). [Research on the school climate and health in Brazil - a scope review]. *Ciencia & saude coletiva*, 27 9, 3475-3485 . <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.21842021>.

Lipschultz, J.H. (2017). Organizations, HR, CSR, and Their Social Networks: “Sustainability” on Twitter. <https://doi.org/10.1108/978-1-78714-585-620181002>.

Lodhia, S.K., Kaur, A., & Stone, G.W. (2020). The use of social media as a legitimation tool for sustainability reporting. *Meditari Accountancy Research*, 28, 613-632. <https://doi.org/10.1108/medar-09-2019-0566>.

Lopes, A.R. (2014). The Impact of Social Media on Social Movements: The New Opportunity and Mobilizing Structure.

Lukita, M.G., Salsabila, S., & Nayiroh, R. (2020). Persuasive Discourse in Climate Strike Banner as an Environmental Preservation Critic: A Review. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3709867>.

Marcomin, F.E., & Silva, A.W. (2009). A Sustentabilidade No Ensino Superior Brasileiro: alguns elementos a partir da prática de educação ambiental na Universidade.

Mayes, E.C., & Hartup, M.E. (2021). News coverage of the School Strike for Climate movement in Australia: the politics of representing young strikers’ emotions. *Journal of Youth Studies*, 25, 994 - 1016. <https://doi.org/10.1080/13676261.2021.1929887>.

McCartney, G., Campbell, R., Conacher, A., & Mackie, P. (2019). Supporting the school climate strike with a public health “work-in”. *BMJ*, 367. <https://doi.org/10.1136/bmj.l6766>.

McKnight, H. (2020). ‘The Oceans are Rising and So Are We’: Exploring Utopian Discourses in the School Strike For Climate Movement. *Brief Encounters*. <https://doi.org/10.24134/be.v4i1.217>.

Mebane, M.E., Benedetti, M.S., Barni, D., & Francescato, D. (2023). Promoting Climate Change Awareness with High School Students for a Sustainable Community. *Sustainability*. <https://doi.org/10.3390/su151411260>.

Medeiros, E., Valente, B., Gonçalves, V., & Castro, P. (2022). How Impactful Are Public Policies on Environmental Sustainability? Debating the Portuguese Case of PO SEUR 2014–2020. *Sustainability*. <https://doi.org/10.3390/su14137917>.

Menzie-Ballantyne, K., & Ham, M. (2021). School Strike 4 Climate: the intersection of education for sustainable development, education for global citizenship and the Australian Curriculum. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 85 - 95. <https://doi.org/10.1017/ae.2021.14>.

Mirbabaie, M., Brünker, F., Wischnewski, M., & Meinert, J. (2021). The Development of Connective Action during Social Movements on Social Media. *ACM Transactions on Social Computing*, 4, 1 - 21. <https://doi.org/10.1145/3446981>.

Nunes, C. (2018). Portugal and Spain in the International Protest Cycles: From Global Justice Movement to Anti-austerity Protests. *Political Institutions and Democracy in Portugal*. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-98152-9\\_10](https://doi.org/10.1007/978-3-319-98152-9_10).

Olcese, C., & Saunders, C. (2014). British Students in the Winter Protests: Still a New Social Movement? [https://doi.org/10.1163/9789004262768\\_013](https://doi.org/10.1163/9789004262768_013).

Pearson, E.L., Tindle, H., Ferguson, M., Ryan, J.C., & Litchfield, C.A. (2016). Can We Tweet, Post, and Share Our Way to a More Sustainable Society? A Review of the Current Contributions and Future Potential of #Socialmediaforsustainability. *Annual Review of Environment and Resources*, 41, 363-397. <https://doi.org/10.1146/ANNUREV-ENVIRON-110615-090000>.

Pereira, P.C., Azevedo, A.I., & Pinto, A.S. (2018). Cultural differences in electronic commerce: Comparative study between Brazil and Portugal. 2018 13th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI), 1-6. <https://doi.org/10.23919/CISTI.2018.8399165>.

Perera, B. (2021). The School Strike for Climate as people's engagement in the transnational legal process and global constitutionalism. *Global Constitutionalism*, 11, 9 - 26. <https://doi.org/10.1017/S2045381721000204>.

Porto, M.F., & Milanez, B. (2009). Economic development axis and socioenvironmental conflicts generation in Brazil: challenges to sustainability and environmental justice. *Ciencia & saude coletiva*, 14 6, 1983-94. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000600006>.

Pintassilgo, J., Andrade, A.C., & Beato, C.A. (2019). Student Movement in Portugal Throughout the '60s: Actors' Representations of a Period of Social and Cultural Experimentation. *Espacio, Tiempo y Educación*. <https://doi.org/10.14516/ETE.266>.

Raftopoulos, M., & Riethof, M. (2016). Promoting Renewable Energy or Environmental Problems?: Environmental Politics and Sustainability in Sino-Brazilian Relations. *Journal of China and International Relations*, 4, 151-176. <https://doi.org/10.5278/OJS.JCIR.V4I2.1593>.

Ramelli, S., Ossola, E., & Rancan, M. (2021). Stock Price Effects of Climate Activism: Evidence from the First Global Climate Strike. *Other Financial Economics eJournal*. <https://doi.org/10.1016/j.jcorpfin.2021.102018>.

Roper, J. (2012). Environmental risk, sustainability discourses, and public relations. *Public Relations Inquiry*, 1, 69 - 87. <https://doi.org/10.1177/2046147X11422147>.

Ryan, G.A., & Ratnayake, A. (2020). When will they listen?: A school striker's lament. *Eureka street*, 30, 47.

Sano, H. (2012). The Brazilian National Environmental Policy: The challenge of plural environmental governance. *Development*, 55, 119-125. <https://doi.org/10.1057/DEV.2011.103>.

Salazar, E., & Pablo, J.L. (2003). AEBI: movimiento estudiantil del pasado, en el presente y con mirada hacia el futuro.

Santos, T. R., Üzelgün, M. A., & Carvalho, A. (2024). Young climate activists in television news: An analysis of multimodal constructions of voice, political recognition, and co-optation. *The Communication Review*, 27(1), 32–54. <https://doi.org/10.1080/10714421.2023.2251310>.

Savelyev, M., Kutuyashova, E., Savchenko, A., Koretsky, V., & Polyakov, Y.D. (2021). Diversity of economic development in Portuguese-speaking countries. *SHS Web of Conferences*. <https://doi.org/10.1051/SHSCONF/202110102004>.

Schmidt, L., Guerra, J., & Nave, J.G. (2010). The role of non-scholar organisations in environmental education: a case study from Portugal. *International Journal of Environment and Sustainable Development*, 9, 16-29. <https://doi.org/10.1504/IJESD.2010.029960>.

Severino, F.S. (2023). Perception of events management students in relation to environmental sustainability: case study in Portugal. *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, 13, 198 - 210. <https://doi.org/10.2478/ejthr-2023-0016>.

Silva, C. T. (2014). Social Movements in Contemporary Portugal. *European Journal of Social Sciences Education and Research*, 1, 36. <https://doi.org/10.26417/EJSER.V1I1.P36-42>.

Snider, C.M. (2017). Student Mobilization, Higher Education, and the 2013 Protests in Brazil in Historical Perspective. *Latin American Research Review*, 52, 253-268. <https://doi.org/10.25222/LARR.69>.

Soares, C.D., & Joia, L.A. (2015). The Influence of Social Media on Social Movements: An Exploratory Conceptual Model. *Electronic Participation*. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-22500-5\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-319-22500-5_3).

Sousa, S. (2022). Some Reflections on the Role of the Eco-Schools Program in the Promotion of Sustainable HEIs: A Case Study in Portugal. *Administrative Sciences*. <https://doi.org/10.3390/admsci12040149>.

Sutton, B.A. (2023). Towards an understanding of how school climate strikes work as public pedagogy. *Qualitative Research Journal*. <https://doi.org/10.1108/qrj-04-2023-0059>.

Tattersall, A., Hinchliffe, J., & Yajman, V. (2021). School strike for climate are leading the way: how their people power strategies are generating distinctive pathways for leadership development. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 40 - 56. <https://doi.org/10.1017/aee.2021.23>.

Thackeray, S.J., Robinson, S., Smith, P., Bruno, R., Kirschbaum, M.U., Bernacchi, C.J., Byrne, M., Cheung, W.W., Cotrufo, M.F., Gienapp, P., Hartley, S.E., Janssens, I.A., Hefin Jones, T., Kobayashi, K., Luo, Y., Peñuelas, J., Sage, R.F., Suggett, D.J., Way, D.A., & Long, S. (2020). Civil disobedience movements such as School Strike for the Climate are raising public awareness of the climate change emergency. *Global Change Biology*, 26. <https://doi.org/10.1111/gcb.14978>.

Thapa, A., Cohen, J.D., Guffey, S., & Higgins-D'alessandro, A. (2013). A Review of School Climate Research. *Review of Educational Research*, 83, 357 - 385. <https://doi.org/10.3102/0034654313483907>.

Toohey, D.E. (2012). Indigenous Peoples, Environmental Groups, Networks and the Political Economy of Rainforest Destruction in Brazil.

Trajber, R., & Mochizuki, Y. (2015). Climate Change Education for Sustainability in Brazil: A Status Report. *Journal of Education for Sustainable Development*, 9, 44 - 61. <https://doi.org/10.1177/0973408215569113>.

Turchyn, J. (2020). Climate strike as an instrument of public influence on global climate change issues. <https://doi.org/10.34079/2226-2830-2020-10-27-162-171>.

Tye, M., Leong, C.M., Tan, F.T., Tan, B., & Khoo, Y.H. (2018). Social Media for Empowerment in Social Movements: The Case of Malaysia's Grassroots Activism. *Commun. Assoc. Inf. Syst.*, 42, 15. <https://doi.org/10.17705/1cais.04215>.

Verlie, B., & Flynn, A. (2022). School strike for climate: A reckoning for education. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 1 - 12. <https://doi.org/10.1017/ae.2022.5>.

Wahlström, M., Sommer, M., Kocyba, P., Vydt, M.D., Moor, J.D., Davies, S., Wouters, R., Wennerhag, M., Stekelenburg, J.V., Uba, K., Saunders, C., Rucht, D., Mickecz, D., Zamponi, L., Lorenzini, J., Kołczyńska, M., Haunss, S., Giugni, M., Gaidytė, T., Doherty, B., & Buzogány, A. (2019). Protest for a future: Composition, mobilization and motives of the participants in Fridays For Future climate protests on 15 March, 2019 in 13 European cities.

Walker, C. (2020). Uneven solidarity: The school strikes for climate in global and intergenerational perspective. *Sustain Earth*, 3(5). <https://doi.org/10.1186/s42055-020-00024-3>.

Warren, M. (2019). Thousands of scientists are backing the kids striking for climate change. *Nature*, 567, 291-292. <https://doi.org/10.1038/d41586-019-00861-z>.

Willems, L., & Alizadeh, T. (2015). Social Media for Public Involvement and Sustainability in International Planning and Development. *Sustainable Infrastructure*. <https://doi.org/10.4018/IJEPR.2015100101>.

White, P.J., Ferguson, J.P., O'Connor Smith, N., & O'Shea Carre, H. (2021). School strikers enacting politics for climate justice: Daring to think differently about education. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 26 - 39. <https://doi.org/10.1017/ae.2021.24>.

Wlasichuk, J. (2022). School Strike 4 Climate (Justice): exploring the experiences of climate strike organisers in Canada. *Australian Journal of Environmental Education*, 38, 121 - 123. <https://doi.org/10.1017/aee.2022.4>.